

## DOMINGOS CALDAS BARBOSA: O MULATO MITOLÓGICO

Fabiana Miraz de Freitas Grecco

### 1. AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DO MITO BARBOSEANO

“Quem conta um conto aumenta um ponto”. Este ditado popular, eternizado por *nossa* tradição oral, parece concretizar-se nos *contos* que narram a vida de Domingos Caldas Barbosa. Foi poeta. Mas há quem diga que foi muito mais, ou muito menos. Desde o nascimento, Caldas Barbosa contribuiu com dúvidas, essas com invenções. Há quem diga que nasceu em 1738, há quem diga que nasceu em 1740. O local do nascimento pode ser tanto num navio vindo de Angola para o Brasil quanto na Bahia ou Rio de Janeiro. Era filho de uma negra-angolana com um branco-português. Viveu infância e adolescência a nós anônimas. Mais tarde encontramos seu nome nas sátiras de Bocage e nas gavetas do estilismo literário arcadista. Porém, sua história tem sido contada, recontada e aumentada de uns tantos pontos. Suas biografias seguem os anos e continuam a inventar o “mulatinho”<sup>1</sup>. Os primeiros estudos que trataram sobre sua história de vida foram elaborados de acordo com determinadas correntes ideológicas, passando do nacionalismo romântico, com Januário da Cunha Barbosa, pelo naturalismo evolucionista, com Sílvio Romero e chegando ao convencionalismo político do Movimento Folclórico Brasileiro, com Luís da Câmara Cascudo.

#### 1.1. Januário da Cunha Barbosa: o sobrinho militante romântico

Nascido no Rio de Janeiro em 1780, Januário da Cunha Barbosa foi famoso orador sacro, Cônego da Capela Imperial (1824), deputado por Minas Gerais (1826- 1829) além de desenvolver a atividade poética sob a orientação de José Ignácio da Silva Alvarenga, seu professor. Participou ativamente do movimento preparatório da Independência do Brasil, desembocando, assim, no empenho pela construção de uma corrente pró-nacionalidade literária.

A idéia de se traçar uma *História da Literatura Brasileira* surgiu com o francês Ferdinand Denis (1798- 1890), o qual, em seu *Résumé de L'histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, propunha que a literatura de um país possuidor de uma fisionomia geográfica, étnica, social e histórica definida deveria ter uma literatura própria. Logo, os intelectuais brasileiros, influenciados por esse pensamento, empenharam-se na descrição da natureza, dos costumes e do autóctone.

---

<sup>1</sup> Designação utilizada por Luis da Câmara Cascudo em “Estudo Crítico” sobre Domingos Caldas Barbosa (1958).

E, desse modo, a efetiva participação de Januário na defesa de uma literatura nacional consistiu na compilação de obras de autores brasileiros, intitulada *Parnaso Brasileiro* (1829- 1832). Essa antologia serviu como amostra da produção literária no Brasil, provando a reunião de um desejado *corpus*, que conseqüente e gradativamente iria formar o cânon literário do país.

Porém, Cunha Barbosa dedicou-se ainda mais na tentativa de valorização e exaltação dos “gênios brasileiros”. Com entusiasmo e motivação, o orador famoso e promotor da Independência, patrocinou a literatura do país, despertando, dessa forma, o interesse do Governo. Como resultado de seus esforços, foi criado em 1838, o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*<sup>2</sup>, do qual Januário foi um dos fundadores e consagrador oficial dos escritores. Quatro anos mais tarde, o Cônego lança pelo jornal do mesmo instituto, em empolgantes três páginas, a vida de seu “tio”<sup>3</sup>, o poeta setecentista Domingos Caldas Barbosa.

Não é de se admirar que, a biografia de Caldas tenha sido confeccionada com base nesse desejo, (o de reunir provas de que aqui existiam autores e obras com características próprias e peculiares), contribuindo para que Januário, tomado pela ardente comoção romântica, inventasse parte da história de vida de Caldas, pois, para provar a existência de uma tradição literária, foram realizados, pelos intelectuais engajados, resumos históricos, antologias e biografias que “coleccionavam textos e narravam com toque romanesco a vida dos autores”<sup>4</sup>. Desse modo, o biógrafo inicia sua empreitada:

O pai de Domingos Caldas Barboza, depois de muitos annos de residencia em Angola, regressava para o Rio de Janeiro, e em sua companhia vinha uma preta grávida, que na viagem deu à luz o *nosso* Caldas. Seu pai, apenas desembarcado, o reconheceu e o fez baptizar; e quando chegou á idade própria curou de sua educação literária, por isso que lhe reconhecia uma viveza e penetração não vulgares, que lhe auguravam bons resultados dos estudos, a que o fez applicar. Nas aulas Jesuíticas começou Caldas a desenvolver os

<sup>2</sup> “Criado em 1838, o Instituto deveria instaurar, enfim, o semióforo “Brasil”, oferecendo ao país independente um passado glorioso e um futuro promissor, com o que legitimaria o poder do imperador. Como instituto *geográfico*, era sua atribuição o reconhecimento e a localização dos acidentes geográficos, vilas, cidades e portos, conhecendo e engrandecendo a natureza brasileira e definindo suas fronteiras. Como instituto *histórico*, cabia-lhe immortalizar os feitos memoráveis de seus grandes homens, coletar e publicar documentos relevantes, incentivar os estudos históricos no Brasil e manter relações com seus congêneres internacionais (...) o naturalista alemão Von Martius, cuja monografia, *Como se deve escrever a história do Brasil*, publicada em 1845, definiu o modo de se fazer história no país. Cabia ao historiador brasileiro redigir uma história que incorporasse as três raças, dando predominância ao português, conquistador e senhor que assegurou o território e imprimiu suas marcas morais ao Brasil”. CHAUÍ, Marilena. *Brasil\_ Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abreu, 2001.

<sup>3</sup> Em referida Biografia, Januário declara-se sobrinho de Caldas: “Meu tio não era preto nem branco, nem d’África nem d’América; mas era homem de muitos talentos”, (BARBOSA, 1842).

<sup>4</sup> Todas as considerações a respeito do romantismo e suas ideologias, foram retiradas da publicação de Antonio Candido: *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002 e *Formação da Literatura Brasileira*. Vol I e II. São Paulo: Martins, 1973.

seus talentos, hobreando com os melhores estudantes; mas o seu gênio desinquieto e picante brilhava sobremaneira em algumas satyras, que como era natural, lhe grangearam inimigos. O poeta Caldas sofreu por isso além de outros desgostos, um golpe de arbitrariedade bem usual no tempo do governo do antigo Gomes Freire de Andrade então Capitão General do Rio de Janeiro, querendo dar satisfação a algumas pessoas poderosas offendidas pelas satyras do moço Caldas Barboza, o constrangeu a ser soldado, e o fez destacar para a praça da Colônia do Sacramento, em cujo serviço persistiu até ser invadida pelos Hespanhoes no anno de 1762. Caldas Barboza regressou então à Pátria com o resto da guarnição d'essa praça; mas conhecendo que não se adiantaria na carreira militar, apesar de seus bons créditos literários, porque o acidente de sua cor lhe era então embaraço mais forte, do que o haver nascido fóra de Portugal, deu baixa, e passou-se para a Europa. (BARBOSA, 1842, p. 210)

Justamente pelo “acidente de sua cor”, Caldas foi retratado como o mestiço representante do povo brasileiro. As considerações relacionadas a seguir, cravadas de exaltação e supervalorização, demonstram o propósito de Januário: “nosso Caldas”, (inclui o leitor brasileiro na possessão e na busca por elementos próprios da brasilidade em um período anterior ao romantismo, onde esta ainda não se fazia concreta ou existente); começou a “desenvolver os seus *talentos*” (todos inerentes, intrínsecos, que resumem os esforços do aprendizado em disposição natural) e “gênio desinquieto e picante” que “brilhava sobremaneira” (o mulato desafiador e brilhante que transgride, mediante sarcasmo, as leis impostas pelos governantes).

Todas as virtudes enumeradas por Januário tornam Caldas Barbosa um poeta excepcional, além de o ressaltar como “gênio desinquieto e brilhante” que desafiava por meio de sátiras o Vice-Rei do Rio de Janeiro. Entretanto, tais sátiras do moço Caldas, pelo fato de nunca terem sido encontradas, evidenciam-se como uma estratégia utilizada por Januário para demonstrar a capacidade desafiante do *poeta brasileiro*, pois elas foram dirigidas a poderosos do governo do Capitão Gomes Freire de Andrade (Conde de Bobadela)<sup>5</sup> representante do poder real português. Esse gênio desafiador realça-se como atitude positiva do brasileiro no período em questão, pois se visava à independência literária, que, por sua vez, implicava “o orgulho patriótico; o desejo de criar uma literatura independente; o nacionalismo literário; a busca de modelos novos e a noção de atividade intelectual, como tarefa patriótica na construção nacional”, (CÂNDIDO, 1973).

Unimos às considerações explicitadas acima uma outra: “Meu tio não era branco nem preto, nem d'África nem d'América, mas era homem de muitos talentos”. Ao homem que não era “nem d'África nem d'América”, opõe-se

---

<sup>5</sup> Gomes Freire de Andrade (1688- 1763), ou Conde de Bobadela, foi Capitão General da província do Rio de Janeiro em meados de 1748, período em que Caldas frequentava as aulas do Colégio dos Jesuítas no Morro do Castelo. Conforme Januário Barbosa, ele foi o responsável por enviar o poeta à Colônia do Sacramento, visto que queria “dar satisfação a algumas pessoas poderosas offendidas pelas satyras do moço Caldas Barboza, o constrangeu a ser soldado, e o fez destacar para a praça da Colonia do Sacramento”, (MORAIS, 2003).

“nosso”, que, certamente, demonstra a intenção de Januário ao afirmar, de forma latente e a inculcar no leitor uma coletividade que se pretendia convencer “nacional”, a origem de seu tio: era “d’América”, era *nosso!*

Desse modo, as características enfatizadas por Januário pretendem fazer de Caldas Barbosa um representante do ideal de “povo brasileiro”, requisitado pelo período pós-independência: inteligente, repleto de talentos e, principalmente, dono de um gênio desinquieto que é capaz de romper os grilhões coloniais para se constituir como um ser independente. Assim sendo, a biografia construída por Januário, integrou a campanha, e, de certa forma, a “propaganda” de nacionalização da literatura, respeitando os mandamentos do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, que tinha por objetivo “imortalizar os feitos memoráveis de seus grandes homens” (CHAUI, 2001, p.).

## 1.2. Sílvio Romero e o mulato acobreado

Novamente, recriados por Sílvio Romero, o poeta, o padre, o violeiro e o eterno mulato não descansam. Em sua *História da Literatura Brasileira* (1888), o crítico reage contra o nacionalismo nativista dos românticos, mas prega-se ao naturalismo evolucionista. É esse determinismo racial que irá nortear sua obra, oferecendo ao mulato o papel de sub-raça, nascido da união de uma raça inferior (negro) e outra superior (branco). Porém, para elevar o *poeta-mulato* como símbolo do povo, representante da força da literatura popular, Sílvio Romero engendrar-se-á pelo caminho oposto ao cientificismo naturalista, (dessa forma traçando a diferença entre seus próprios escritos, numa relação paradoxal), que se revela na adoção “da tradição historiográfica do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* que, (...) trabalha com o ‘princípio da nacionalidade’, definida pelo território e pela demografia” (CHAUI, 2001, p.).

Romero, portanto, arrisca constatar a cor da pele de Caldas: “era um mestiço de primeira mão, um filho de branco com negra; seu pai era português e sua mãe africana. Se na mestiçagem há vários graus, como é sabido, Barbosa ocupou aí um dos primeiros lugares; era um mestiço escuro, acobreado; nele não predominava o sangue branco; havia equilíbrio”. Entretanto, somente o que se conhece a respeito da aparência do poeta é o que se vê no retrato feito após a sua morte, que se acompanha dos seguintes dizeres: “Do extinto Lereno o rosto/ Se deviza em morta cor,/ Mas sua alma em seus escritos/ Se conhece inda melhor” (BARBOSA, 1944). Por esses versos pressupõe-se que a gravura fora feita *post-mortem* (“Do extinto Lereno o rosto”) e que não era possível contemplar-lhe a tez morena (“morta cor”), significando que o retrato apresentava-se em preto e branco, como é comum em gravuras.

O esboço biográfico de Romero ressalta, ainda, as características psicológicas de seu personagem: “Ao fato da cor atribuiu Varnhagen o suposto caráter submisso de Caldas Barbosa. Não pode haver maior injustiça e erro mais grave. Primeiramente o poeta não era submisso; era apenas amorável,

alegre, expansivo e divertido (...) além disso, se alguma coisa existe no mestiço, que se possa considerar a nota predominante de seu caráter, é a rudeza, a independência, o orgulho, a tendência ao desrespeito, a falta do senso da veneração (...) O mestiço junta a essa qualidade primordial de seu temperamento uma outra igualmente apreciável e que lhe serve de contrapeso; é a expansibilidade, a alegria, que às vezes propende para uma pronunciada veia cômica e satírica...” (ROMERO, 1888). Essa “tendência ao desrespeito”, a qual Romero faz menção, aparece nos versos satíricos que o poeta supostamente teria dirigido a “poderosos” do governo, do já referido, Conde de Bobadela, idéia essa exposta na primeira biografia de Caldas, escrita por Januário da Cunha Barbosa, anteriormente mencionada. Todavia, reforça-se, esses versos jamais foram encontrados para que se possa provar o caráter insubmisso e a tendência ao desrespeito.

Em relação à obra poética de Caldas Barbosa, Romero afirma: “foi um grande músico e poeta”, “excelente e melhor componista nacional”, ao mesmo tempo em que conclui não ser o “mulato” um “poeta-gênio”, pois “não tinha pulso para tanto”, justificando tal falta de “pulso” pelo fato de ser ele um “homem do povo, ele poetava como o povo, no seu estilo, ao seu modo (...) a crítica diante de um homem destes não deve analisar-lhe as produções”, (ROMERO, 1942). Assim sendo, Romero constata, em meio às contradições de sua própria crítica, que Caldas foi “um poeta singelo, espontâneo, um lirista ao gosto popular”, e que, por esse motivo, sua obra não deve ser erigida ao âmbito da literatura nacional, e sim, deve abandonar-se à simplificada designação de “manifestação folclórica”.

### **1.3. Câmara Cascudo e o romanesco tardio**

No século XX, propriamente em 1958, publica-se uma das mais romanescas biografias de Caldas. O folclorista Luís da Câmara Cascudo, engajado na busca pela cultura popular, base primordial do folclore, realiza um estudo crítico sobre o poeta, atribuindo-lhe mais algumas características que, somadas às de Januário e Romero, formam a imagem quase completa do “mulatinho”. Tal atribuição, de sabor requintado, verifica-se na descrição da voz de Caldas: “Aqui e ali, viola ao peito e modinha langue com voz quente de mulato romântico, voz máscula de sereneiro malandro, com as tristezas e venenos da mata selvagem, a saudade indizível, a nostalgia que a própria raça empresta aos acentos dolentes da melodia capitolosa” (CASCUDO, 1958, p. 10). Essa invenção baseia-se no estereótipo “mulato”: másculo, sensual, malandro, saudoso e triste (porque tem que ser triste!), rodeado pelo veneno langoroso da mata selvagem, que por sua vez, acentua a nostalgia própria da *raça*. Dessa forma, conclui-se que não se trata de Caldas, e sim de uma raça da qual ele era representante, quiçá, o primeiro mais ilustre: dos mulatos modinheiros. Nada aparece para comprovar se a voz do indivíduo Caldas Barbosa era

realmente máscula ou sensual, somente sabemos das críticas de Bocage: “Improvisa berrando o rouco bode”<sup>6</sup>.

O “Estudo Crítico” de Cascudo é repleto de descrições subjetivas e envolventes pelo caráter romanesco, que quase chega a ser poético, com que narra a trajetória do poeta, mulato e brasileiro Domingos Caldas Barbosa. Esse fantasioso texto pretende dissimular a intenção política e intelectual do folclorista, porém a faz “saltar aos olhos”. Ele trabalha suas idéias conduzido pelo pensamento conservador, assumindo “freqüentemente posturas mais convencionais, ligadas a vieses da política oficial” (SILVA, 2003) e permanece “preso à idéia dos três grupos formadores (brancos, negros e índios), omitindo as tensões de vária espécie, as lutas sociais...” (FERREIRA, 2003). Esse direcionamento culmina com a criação do *Movimento Folclórico Brasileiro*, que a partir do final da década de 40, instaurou uma diretriz unilateral que intencionava exaltar “a cultura popular como símbolo do autêntico” (ABREU, 2003, p. 147), e “principalmente, como lastro para a definição de nossa identidade nacional” (VILHENA, 1997, p. 21).

Outro fator imprescindível para se compreender a intenção de Cascudo ao realizar de forma tão romanesca a biografia de Caldas, além daqueles evidenciados acima, está no caráter didático-pedagógico da coleção em que se insere o estudo do folclorista. A *Coleção Nossos Clássicos* empenhou-se na “democratização da cultura em nosso país”, garantindo “para essa coleção um lugar de relevo na biblioteca de quantos se interessarem, *em nossa terra, pelas coisas da cultura*”, (CASCUDO, 1958). Há, ao final de cada obra crítica da referida coleção, um questionário que pretende fazer com que o leitor fixe os pontos principais da obra e da vida de cada autor brasileiro. No questionário referente ao *nosso* Caldas, encontramos perguntas como: “... o temperamento de mestiço teve influência na sua mentalidade inquieta e primeiras produções críticas?”, “quais as características ‘nacionais’ de Lereno como divulgador da sensibilidade e mentalidade popular brasileira?”, “A situação psicológica do mulato é condição de humildade ou de rebeldia?”, entre outras.

Essas questões comprovam o que afirmamos acima, no que diz respeito à falta de dados biográficos substanciais que dão margem a generalizações e a idéia de que a história de vida de Caldas, através dos tempos, modifica-se conforme a necessidade de forjar-se um modelo de “poeta brasileiro”.

## 2. O MULATO MITOLÓGICO

*O mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso, dado. No entanto, possui um valor e, mais que isso, uma eficácia na vida social*<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Bocage desfiava críticas a Caldas, as quais podem ser lidas em seus sonetos referentes à *Nova Arcádia*, (AMARAL, 19..., p.) .

<sup>7</sup> Definição retirada de ROCHA, Everaldo, P. G. *O que é mito*. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

O mito Domingos Caldas Barbosa, instaurado em 1842, sofreu, transcorrendo épocas, significativas apropriações e reestruturações, ou seja, o *conto* do “poeta-modinheiro” que, ao mesmo tempo em que satiriza os governantes cariocas, desembarca em Portugal onde alegremente entusiasma os reinóis de D. Maria I com sua moleza americana, foi utilizado de forma analógica, no que concerne à busca pela definição da Identidade Nacional, pelos intelectuais brasileiros desde a segunda metade do século XIX. No entanto, esse paralelismo adornou-se com diferentes abordagens ideológicas após sua fundação.

De acordo com o que foi estruturado acima, referente aos tratados impressos e “oficiais” da história de vida de Caldas Barbosa, pode-se constatar que, na medida em que a perseguição pela “brasilidade” tornou-se expressivamente um assunto indispensável para os intelectuais brasileiros, foi-se aumentando os pontos do “conto barboseano”.

Caldas Barbosa estreou, dentre os papéis que lhe foram sendo atribuídos, como poeta satírico de gênio picante e desafiador, que afrontava o poder real português, num período em que, conseqüentemente, fazia-se notável, recobrando os precedentes das inconfidências e conjurações, um contexto pró-independência, no qual se pretendia instaurar e disseminar as proclamações do nativismo romântico. Após essa encenação, o poeta passou a representar o “mulato acobreado”, “amorável, alegre, expansivo e divertido”, que, apesar de bonachão, ainda reservava um ar “insubmisso”. Nesse *script*, constava uma cena marcante: Caldas atuaria como “homem do povo” dono de uma “falta de pulso” que, conseqüentemente, iria destituí-lo do posto de “poeta erudito” para elegê-lo como disseminador de “quadrinhas tão ao gosto popular”. Dessa forma, para escrever a biografia de Caldas, o “diretor” Sílvio Romero, aplicou as “novas idéias de que dispunha em seu momento, avultando conceitos evolucionistas e deterministas, que deixa ver a sua *História da Literatura Brasileira*, de 1888”, (BARBOSA, 2000, p. 41).

Após essas representações mais significativas, e em meio a outras de menor repercussão, o mito barboseano é revisto e revestido, na metade do século XX, com uma aura romântica, de cunho fantasioso e embasado na valorização daquele homem destituído de erudição: ergue-se o precursor da poesia e da música popular, essencial e principal ingrediente do folclore, o sensual tocador de viola Domingos Caldas Barbosa.

Apesar do esforço em consagrá-lo como “tocador de viola” (lê-se em qualquer e toda obra referente à Literatura Brasileira), isso não pode ser afirmado, pois os testemunhos de cronistas viajantes contemporâneos de Caldas, como foi Antonio Ribeiro dos Santos e William Beckford, por exemplo, não o descrevem como tal, mas sim como improvisador, glosador ou trovador. Ademais, o termo cantiga utilizado na maioria das epígrafes dos poemas constantes na *Viola de Lereno* (coleção das “modinhas” de Caldas impressa nos anos de 1798- 1826), segundo Manuel Morais (2003), foi utilizado ao longo de todo o século XVIII e ainda nas primeiras décadas dos oitocentos como sinonímia de copla para ser cantada: “... o vocábulo cantiga não é sinônimo de canção, mas de estrofe, como nos ensina o *Novo Dicionário da Língua*

*Portuguesa* (1806), ‘Cantiga, s. f. Copla para cantar-se’; aliás é com o termo Cantigas que na Viola de Lereno se designaram os seus poemas (...) o termo ‘romance’ é sinônimo de composição poética e não de composição musical...”, (MORAIS, 2003, p. 70). Além disso, todas as afirmações referentes a um Caldas “tocador de viola de arame”, emerge dos tratados sobre literatura e música, de críticos oitocentistas.

Assim sendo, para que se pudesse visualizar a imagem concreta de Caldas, os intelectuais responsáveis por escrever sua história de vida, foram-lhe atribuindo características baseadas no estereótipo “mulato”, que tanto acompanha seu nome como referência vocativa quanto se estende aos seus contornos psicológicos (desafiador, inquieto, amável, sensual, etc.) e físicos (mestiço escuro, acobreado, etc.). Com isso, Domingos Caldas Barbosa passa de indivíduo à figura caricaturada, ou melhor, torna-se uma alegoria, na qual estão inseridas as características estáveis, limitadas e condensadas de uma *raça*. As observações feitas com a leitura, aqui reduzida, de determinados aspectos de apenas três biografias de Caldas Barbosa, escritas por importantes intelectuais brasileiros, demonstram que, apesar de representarem diferentes épocas e suas respectivas ideologias, confirmam a idéia de que “o mito carrega consigo uma mensagem que não está dita diretamente, é uma mensagem cifrada” (ROCHA, 1986, p. 9), ou seja, interpretando o mito barboseano, decifra-se a busca pela identidade nacional.

### 3. BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Martha. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário Crítico de Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- AMARAL, Eloy do. *Bocage\_ Fragmento de um estudo autobiográfico e seleção antológica*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1965.
- ANDRADE, Mário. *Modinhas Imperiais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.
- BARBOSA, João Alexandre. *Uma dupla do Barulho*. Série Redescoberta do Brasil. Revista Brasileira de Literatura CULT, n. 35. São Paulo: Editorial Lemos, 2000, p. 37- 41.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *Viola de Lereno*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- BARBOSA, Januário da Cunha. *Domingos Caldas Barbosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Vol. IV, 1842, p. 210- 212.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira\_ Momentos decisivos (1750- 1836)*. 4 ed. São Paulo: Martins, 1971.
- \_\_\_\_\_. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- CASCUDO Luís da Câmara. *Caldas Barbosa\_ Poesia*. Coleção Nossos Clássicos, nº16. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editôra, 1958.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil\_ Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abreu, 2001.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

- FERREIRA, Jeruza Pires. *Literatura Oral*. In: SILVA, Marcos(Org.). *Dicionário Crítico de Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003.
- KIEFFER, Anna Maria. *Viagem pelo Brasil*. Col. Memória Musical Brasileira.
- MORAIS, Manuel. *Muzica Escolhida da Viola de Lereno (1799)*. Lisboa: CHA-EU/ ESTAR, 2003.
- RENNÓ, Adriana de Campos. *Violando as regras: uma [re] leitura de Domingos Caldas Barbosa*. Assis: Dissertação de mestrado\_ FCL Câmpus Assis, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Musa encomendada\_ Caldas Barbosa e a poética neoclássica*, Vol I e II. Tese de Doutorado. FCL/ Assis, 2001.
- ROCHA, Everaldo P. G. *O que é mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- ROMERO, S. *História da Literatura Brasileira*. Tomo segundo. 3 ed. São Paulo: José Olympio Editora, 1942.
- SILVA, Marcos (Org.). *Nota Preliminar\_ “Se cascudo é o Tema....”*. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário Crítico de Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFRRN, Fundação José Augusto, 2003.
- TINHORÃO, J. R. *Domingos Caldas Barbosa: o poeta da viola da modinha e do lundu (1740- 1800)*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão\_ O movimento Folclórico Brasileiro 1947- 1964*. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.